

# O presidente não é vaiado nem aplaudido no séquito, em Brasília

por José Antônio Severo  
de Brasília

Nos primeiros 1.000 metros entre a rampa do Palácio do Planalto e o Ministério das Comunicações em que o cortejo fúnebre do presidente Tancredo Neves percorreu a pé o eixo monumental de Brasília, o presidente José Sarney se defrontou claramente com o grande desafio de seu governo estreante.

Foi a primeira vez, desde que assumiu o governo em 15 de março, que o novo presidente se viu diante da chamada opinião pública, no caso representada por uma expressiva amostra de habitantes de Brasília.

"Um, dois, três, quatro, cinco mil, Tancredo continua presidente do Brasil", ou, "viva dona Risoleta", e, ainda, "Ulisses presidente", eram as palavras que se ouviram nesse trecho em que o presidente, a viúva de Tancredo, delegações oficiais, ministros e líderes políticos fizeram a caminhada cerimonial, como séquito do enterro do presidente morto. Dali em diante, mantendo a ordem de precedência, o séquito embarcou em automóveis oficiais e não mais puderam os dignitários ouvir o que se gritava do outro lado do cordão de isolamento.

Notava-se um presidente composto, evidentemente entristecido, caminhando à frente das autoridades admitidas no cortejo, mas certamente não surdo. Embora o presidente Sarney não ouvisse nada contra sua pessoa, em nenhum momento escutou qualquer viva a sua pessoa ou a sua presidência.

Segundo observadores políticos ouvidos ontem,

em Brasília, por este jornal, esta será a primeira atenção do novo chefe de governo: conquistar o apoio popular. O caminho será a aplicação na prática e a defesa pública dos compromissos e das plataformas de Tancredo Neves assumidos em praça pública durante a campanha da Aliança Democrática.

No campo político, o novo governo não encontra nenhum problema de legitimidade. Todas as correntes representadas no Parlamento e mesmo fora dele compuseram-se na defesa do governo civil, que é o apoio à presidência de José Sarney.

Ainda nesta semana o novo presidente terá a oportunidade de ratificar a Aliança Democrática, através da manutenção da distribuição de poder aos partidos nos ministérios e demais escalões da administração pública. Na área militar há consenso de que cabe às Forças Armadas assegurar o cumprimento das leis, ou seja, a Constituição em vigor, ou a implementação de reformas feitas legitimamente pelo Poder competente, qual seja, o Congresso Nacional.

Quando o Boeing presidencial deixou Brasília às 13h15 de ontem, José Sarney começou a planejar seus passos para os próximos dias. O primeiro será a confirmação de seu governo. O segundo, a configuração de um conselho político que, juntos, cravam a primeira estaca de sua administração. Daí para a frente, sairá a campo dizendo que está completando na administração a obra política iniciada por Tancredo Neves.